

II SEMINÁRIO DE ÉTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Foz do Iguaçu – 12-14.01.2003.

Este texto foi publicado em *Ética Profissional na Educação Física - Shape*

FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E NO ESPORTE: PROBLEMÁTICAS ANTROPOLÓGICAS, ÉTICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Prof. Dr. Silvino Santin

Observações iniciais

Para iniciar a minha reflexão filosófica julguei fundamental apresentar algumas observações introdutórias como requisito indispensável para garantir um bom entendimento. O termo introdutório já diz, não se trata do tema, mas daquilo que vem antes. É uma preparação. Talvez, ousaria fazer uma comparação aos preparativos do maestro e dos componentes de uma orquestra antes de iniciar um espetáculo. Não pretendo ser o maestro, mas insisto na necessidade de esclarecer a maneira como o texto foi elaborado a fim de estabelecer uma sintonia entre a fala e a escuta, entre a escrita e a leitura.

a) A primeira observação busca dois objetivos. Um, visa alertar sobre as diferentes compreensões dos termos que formularam o tema e sobre os quais devo construir o meu texto. Outro, orientar o leitor para que possa acompanhar o encadeamento do meu raciocínio e, assim, possa posicionar-se de maneira crítica e autônoma frente aos conceitos que serão emitidos.

b) Uma interpretação literal dos conceitos do tema proposto parece indicar que o significado dos mesmos é consensual. Portanto, a tarefa consistiria em articular uma realidade, a filosofia, com outras duas realidades, a educação física e o esporte, através da antropologia, da ética e da epistemologia. Aparentemente muito simples.

Entretanto os fatos mostram que tais conceitos, mesmo analisados no interior de seus respectivos discursos, já não gozam de univocidade; imagine-se o que ocorre quando inseridos em outros discursos. Esta observação demandaria mais atenção e tempo, condições de que não disponho. Preciso ser breve, por isso vou pontuar, como exemplo, a questão da filosofia por ser o lugar do qual tentarei criar uma paisagem verbal valendo-me dos demais conceitos. Começo por repetir a pergunta de Deleuze e Guattari, aliás título de seu livro, *Qu'est-ce que la philosophie?*. Esta pergunta cada vez mais me coloca diante de uma palavra que, ora, soa vazia, ora, cheia de significados, ora, inútil, ora, a última instância da esperança humana. Não pretendo deter-me nestas considerações, pois precisaria de muito espaço e tempo, e, sem perspectivas de chegar a um porto seguro. Mas perguntaria, o que significa filosofia para você?

c) Vou apresentar a minha compreensão de filosofia. De imediato confesso que não defendo a idéia dos que entendem a filosofia como sendo uma unidade e continuidade, e cultuam a tradição, ao contrário, estou convicto de que há várias filosofias surgidas em cada época. Acredito poder transferir para a filosofia a conceito de paradigma de Thomas Kuhn ao tratar das revoluções científicas. O que mostra a descontinuidade do conhecimento científico, fato idêntico ocorreria na filosofia.

Na época de minha formação acadêmica, os cursos de filosofia eram dominados pelo Neotomismo, resultante do esforço de Jacques Maritain como forma de atualizar a filosofia cristã

medieval. As faculdades de filosofia, ciências e letras, instaladas a partir do final dos anos cinqüenta do século passado, na sua quase totalidade, possuíam um corpo docente herdeiro da filosofia pedagógica jesuítica, através das obras de Leonel Franca e do Centro Dom Vital. É verdade que havia um esforço, mais pela rebeldia dos alunos do que pela iniciativa dos professores, em buscar novas linhas filosóficas. Foi assim que iniciei a leitura das correntes existencialistas com Sartre e Heidegger, em seguida, como exigência de compreensão desses autores, passei para Fenomenologia de Husserl, e Merleau-Ponty, posteriormente para a hermenêutica de Paul Ricoeur. Como obrigação da atmosfera da época, ainda que um tanto clandestinamente encontrei Marx, mas foi em Foucault que descobri um discurso denunciante instigador. As minhas últimas descobertas giram em torno dos pensadores chamados de pós-modernos, como Edgar Morin, Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Boaventura de Souza Santos. Através, especialmente, de Morin fui levado à leitura de Humberto Maturana, Francisco Varela, Gregory Bateson, António Damásio e Henri Atlan. Com eles, entrei na discussão dos temas de ética e bioética que me levaram a Jean Bernard, passando em seguida para Tristram Engelhart, Peter Sloterdijk, Giovanni Berlinguer, Volnei Garrafa e Roberto Andorno. A leitura mais recente acontece sobre os “estudos das ciências”, em particular, as obras de Bruno Latour.

Citei esses autores apenas por um critério de preferência, poderia ter citado outros mais, entretanto creio que são suficientes para mostrar as fontes que inspiraram a construção desta reflexão filosófica, no sentido do que eles levaram a pensar e não como simples reprodução de idéias.

d) Quanto aos conceitos de educação física e esporte, declaro apenas que assumo os significados mais divulgados e aceitos. A educação física, a entendo, isto não significa que concorde, como um conjunto de atividades, talvez, ciência, que tem como objeto o desenvolvimento de atividades físicas com base na física e na biomecânica. Quanto ao esporte, também, o assumo em sua configuração atual de esporte moderno baseado no ideal de rendimento e no modelo de organização científica e tecnológica.

Os demais conceitos espero poder esclarece-los no desenvolvimento da tarefa. Seguirei o roteiro proposto na formulação do tema, evidentemente, com liberdade, por isso, vou julguei mais coerente inverter a ordem. Começarei pelas problemáticas epistemológicas.

1. Problemáticas epistemológicas

Interpreto as problemáticas epistemológicas tanto sob a ótica da teoria do conhecimento, defendida pelos filósofos ingleses, tanto pela ótica da história e da filosofia das ciências, sustentada pelos filósofos franceses. A epistemologia, nesta dupla ótica, significa um estudo crítico das ciências, com o objetivo de determinar sua origem lógica, seu valor e seu entendimento. Cabe, aqui, abordar as possíveis implicações da epistemologia ou, talvez, melhor dito, das epistemologias que ocorrem na educação física e no esporte. Evidentemente, sob um olhar filosófico.

A inversão da ordem deveu-se ao fato de que, no meu entender, tudo começa a partir do modelo de produção de conhecimento. O conhecimento fornece a interpretação e a compreensão de toda realidade, ponto de partida de qualquer ação humana. Portanto é o conhecimento que nos diz quem é o homem e em que consiste a ética. Evidentemente, refiro-me ao conhecimento racional. Os saberes anteriores ao saber racional não viam no ato de conhecer uma atividade específica que pudesse ser tratada isoladamente. Aliás, a rigor, não se cogitava, nem se poderia fazê-lo, retaliari o todo e a unidade do todo cósmico. As mitologias percebiam todos os fenômenos e todos os seres no interior da unidade cósmica; neste sentido, transmitiam a “explicação teórica” da experiência cotidiana herdada de seus ancestrais, mas que, no dizer de Jean Pierre Vernant, “se esclarecia e

adquiriria sentido em relação aos atos exemplares praticados pelos deuses ‘na origem’”.²¹⁸ Portanto, as mitologias não desenvolveram atividades cognitivas, mas permaneceram na experiência imediata da realidade

O pensamento racional desestruturou a ordem mitológica por ter visto falhas ou por pressão para fundamentar uma nova ordem social. Provavelmente as falhas foram observadas ao constatar que os conflitos sociais fugiam ao controle das tradições e das crenças míticas. Assim, a herança mítica foi recusada, pelo menos no que concerne à produção do conhecimento como fundamento de um novo mundo humano. Estava inaugurada a racionalidade, cujo caminho as ciências ocidentais, no dizer de J. Burnet, somente tiveram o trabalho de seguir.²¹⁹ A partir deste momento começava a filosofia como ‘epistheme’, isto é como ciência ou conhecimento lógico racional. A respeito desta cisão entre o mundo mítico e o domínio da razão, muitas coisas poderiam ser ditas, mas prefiro sintetizar as idéias de Vernant mostrando que, em geral, as origens de grande parte da história humana nos escapam do controle, no que se refere ao advento da filosofia e, por extensão, da razão, podemos fixar o lugar, a data e os personagens. Foi com os jônios, na figura central de Tales, em Mileto, no século VI a. C. Entretanto, não se pode dizer, dentro da ótica atual, que os gregos viram nascer a razão, mas, apenas, que criaram uma razão, entendida como um tipo de racionalidade, a da lógica simétrica.

O que nos interessa, aqui, é a tarefa que a filosofia, enquanto sinônimo de pensamento racional, passa a desenvolver. Uma vez provocada a ruptura do território das mitologias, aconteceu, na expressão de Deleuze e Guattari, o fenômeno da desterritorialização, era mister, agora, traçar um novo território, isto é, provocar a reterritorialização.²²⁰ Esta devia ser a tarefa construtiva da filosofia, logo após haver provocado a desmontagem das mitologias. Começava, então, implantar-se o domínio da razão, que se estende até o presente, em nome do poder da própria razão, isto é, o poder da “igualdade geométrica”, a força que “governa os deuses e os homens”.²²¹ Faço uma observação lembrando que não se pode entender a razão como um conceito unívoco, desde as origens gregas até os nossos dias, especialmente depois das distinções de diferentes lógicas de racionalidade.²²² Há uma enorme distância entre o Logos grego, passando pela Ratio latina, até chegar à Razão dos iluministas. De qualquer maneira não resta dúvida que em nome do poder da razão o conhecimento racional passou a semear verdades e a certezas construídas, não mais herdadas.

A tarefa da filosofia, uma vez recusadas as crenças herdadas do passado mítico, precisou, através do conhecimento racional, reconstruir a ordem em toda sua extensão, diga-se, de alto a baixo. Precisava reconstruir o cosmos da natureza e o cosmos do homem. A filosofia foi o primeiro passo dado sob a orientação de uma ordem lógico-racional universal, que enquadra indistintamente todos os fenômenos e seres do universo. Fixou-se a idéia de que o conhecimento racional é um espelho da natureza, nele se reflete a realidade tal qual ela é. Essa imagem se organiza como saber conceitual que, por sua vez, se corporifica em linguagem.

Essas poucas palavras resumem a tarefa duas vezes milenar da filosofia. A ordem universal, humana ou não, passou a ser desenhada pelos conceitos, criados pela filosofia, posteriormente, redesenhada pelas fórmulas das ciências. Mas, vou me fixar no difícil trabalho de redesenhar filosoficamente o território ordenado, surgido do caos pela ruptura com a ordem mítica. A filosofia buscou nas capacidades cognitivas o caminho para harmonizar tudo o que havia sido abalado pela recusa de um cosmos herdado. Esse caminho foi o saber conceitual ou, simplesmente, a criação de

²¹⁸ Vernant, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*, p.74.

²¹⁹ Burnet, John. *L'Aurore da la philosophie grecque*, Paris: Payot, 1970.

²²⁰ Deleuze, G. e Gattari, F. *Que é a filosofia* p. 92-93.

²²¹ Latour, Bruno. *A Esperança de Pandora*. P. 24.

²²² Santos, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. São Paulo, Cortez, 1996.

conceitos. Iniciativa que foi atribuída a Sócrates. Deleuze e Guattari afirmam que “é necessário experimentar nos seus mínimos detalhes o vínculo único, exclusivo, dos conceitos com a filosofia como disciplina criadora. O conceito pertence à filosofia e só a ela pertence”.²²³ Fica claro que não se trata de uma tarefa do passado, mas de uma criação que acompanha toda a história da filosofia. Por isso é fundamental avaliar não apenas a novidade de um conceito, mas acompanhar toda sua trajetória histórica e poder de renovar o pensamento filosófico e científico. Neste sentido retomo as palavras dos autores, acima citados: “O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los”.²²⁴

O conceito, em princípio, contém o conhecimento da coisa em si mesma, isto é, a essência, mas como o referente daquilo que se define como “em si mesmo” só existe na mente das pessoas, enquanto idéia, conclui-se que o conceito é, necessariamente, um conhecimento, mas um conhecimento de si. De fato a definição nos diz que o conceito é uma representação mental e abstrata do real. Tomemos, por exemplo, o conceito homem. Ninguém afirma que o homem conceitual existe, mas em torno dele é possível reunir todos os indivíduos humanos. Esta discussão se arrasta até nós desde Platão.

O importante é que a filosofia criou conceitos que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento das ciências cognitivas. Vou trazer um exemplo que me parece paradigmático, refiro-me aos conceitos de causa e de causalidade. Do conceito de causa criou-se o princípio de causalidade. Ouso dizer que o conceito de causa e o princípio de causalidade, certamente, são a invenção mais fantástica que a humanidade ocidental vivencia e pratica até hoje.

A explicação causal inicialmente substituiu a gênese das origens e, em particular, da intervenção do poder das divindades. O universo possui uma racionalidade e essa racionalidade se chama causalidade. O que significa dizer que nada é sem causa, o grande princípio que orienta toda investigação científica e que ninguém ousou negar. Tomo a liberdade de, neste momento, lembrar o curso de Martin Heidegger sobre o *principium rationis*, na locução latina, cuja tradução varia. Na tradução alemã encontramos *Der Satz vom Grund*, que se tornou o título da obra de Heidegger. Os franceses traduziram por *Le Príncipe de Raison*. Acredito que em português a melhor tradução seria o princípio de causalidade. Volto a Heidegger para dizer que, em seu referido curso, ele faz uma longa reflexão sobre a possibilidade de que há algo que pode fugir ao princípio de causalidade. Um fato invocado, que se constituiu no eixo do curso, é o pequeno poema de Silésio que assim canta: A flor é sem por quê, – Floresce por florescer, - Não olha para si mesma, - Nem pergunta se alguém a vê! O segundo, o que está mais vinculado ao nosso caso, aparece no final do curso nestas considerações de Heidegger: “O por quê desaparece no brinquedo. – O brinquedo é sem por que. Brinca-se enquanto se brinca. Somente o brinquedo permanece: ele é o que há de mais alto e profundo”.²²⁵

Apesar destes raros questionamentos do princípio de causalidade, ele continua com sua força máxima. Procuram-se causas e somente causas para explicar qualquer fenômeno, tanto de ordem física e natural, quanto de ordem humana e cultural.

O raciocínio lógico e o saber conceitual continuaram dominando toda a atividade intelectual na busca da verdade e da explicação de toda realidade natural, humana e divina. Não havia, entretanto, a preocupação de intervir na realidade. O objetivo máximo da filosofia, já definido por Aristóteles, como desenvolvimento dos bens da mente, manteve-se intacto até o surgimento das ciências

²²³ Deleuze, G. e Guattari, F. *Opus Cit.* P. 47.

²²⁴ *Idem* p. 46.

²²⁵ Heidegger, M. *Le Príncipe de Raison*. Paris: Gallimard, 1962.

empíricas, quando elas geraram a técnica. O conhecimento não podia ser apenas um bem espiritual, devia ser base para a ampliação da força humana. Um conceito passou a valer enquanto pudesse ser instrumentalizado.

O conhecimento passou do domínio da filosofia para o domínio das ciências, uma passagem que leva do conceito abstrato à prática concreta. A filosofia viu-se reduzida, pelos cientistas, a uma estéril especulação. Entretanto, segundo Jean-François Raux, “A filosofia mete medo, num mundo obcecado pelo concreto, sob a influência dos media e dos homens de “ação”. Mas o que é o concreto senão o abstrato que se tornou familiar”.²²⁶ A filosofia atribuiu-se outra tarefa, a de pensar a ciência, e, através de sua reflexão, realimentar o fazer científico, ao mesmo tempo, que com ele se auto-renova.

A filosofia, diante do novo projeto epistemológico de produzir conhecimentos cujo valor teórico é medido pela sua aplicação prática, não teve outra alternativa senão a de dedicar-se à reflexão sobre o sentido da vida humana e as conseqüências do predomínio das ciências e da técnica. Acredito ser correto dizer que a filosofia da modernidade, a partir do século XX, assumiu a denúncia como uma das suas principais tarefas. Denunciar ou desmistificar tudo o que oprime e violenta o ser humano, ou que destrói a natureza. Numa visão mais positiva pode-se falar numa filosofia libertária, um termo muito utilizado na segunda década do século passado. Libertar de opressões, de tabus, de crenças, de ilusões e de alienações. Nesta circunstância a divisão do território entre o fazer tecno-científico e a reflexão ficou marcado pela falta de harmonia e, muitas vezes, pela mutua negação. É do que conhecimento de todos que Heidegger afirmava que a “ciência não pensa”, ou que quando “Nasce a ciência, desaparece o pensamento”.²²⁷ Talvez, esta não seja a postura mais correta, segundo os estudiosos da ciência, para se enfrentar essa questão.

Entretanto, hoje, há um crescente grupo de intelectuais de diferentes áreas das ciências naturais e humanas, digamos cientistas e filósofos, que falam abertamente na necessidade de buscar um novo paradigma de cientificidade, sem eliminar as ciências modernas, mas reconhecendo seus limites. Cada vez mais fica claro que há um consenso generalizado de que a imaginação científica se modifica radicalmente de uma época para outra. Neste momento estaríamos buscando uma nova epistemologia como resposta aos novos desafios. Para Francisco Varela, a ciência é uma parte integrante das práticas sociais e as teorias científicas da natureza representam apenas uma das dimensões da estrutura imaginária que, em cada época, a humanidade produz.²²⁸ Neste novo panorama, filósofos e cientistas aparecem de mãos dadas em busca de uma nova ciência e de uma nova metodologia pós-modernas.

O aprofundamento da reflexão neste novo momento histórico da epistemologia, pós era industrial, exigiria mais tempo e espaço, entretanto, acredito poder sintetizar suas linhas gerais através de uma breve referência aos, assim chamados, “estudiosos da ciência”. O seu interesse fundamental é estudar o funcionamento interno dos fatos científicos. Em nenhum momento negam as ciências, ao contrário, segundo pergunta o filósofo Latour: “Quem acredita mais na objetividade da ciência do que aqueles que insistem na possibilidade de transformá-la em objeto de pesquisa?”.²²⁹ Logo mais adiante ele mesmo responde observando que “Em lugar dos pomposos cientistas dependurados nas paredes dos filósofos de gabinete do passado, nós pintamos personagens vivas, imersas em seus laboratórios, estuantes de paixão, carregadas de instrumentos [...] todos nós havíamos demonstrado, a meu ver, que os muitos não-humanos mesclados à nossa vida coletiva

²²⁶ Raux, J-f. Prefácio apud Morin, E. Prigogine I. A sociedade em Busca de Valores p.16.

²²⁷ Rossi, Paolo. A ciência e a Filosofia dos Modernos. P. 13.

²²⁸ Varela, Francisco. Conhecer: As Ciências Cognitivas, Tendências e Perspectivas. P. 9.

²²⁹ Latour. B. Opus Cit. p.15.

graças à prática laboratorial tinham história, flexibilidade, cultura, sangue – em suma, aquelas características que lhes tinham sido negadas pelos humanistas instalados na outra extremidade do *campus*".²³⁰ Fica evidente que, no interior desta valorização da ciência, há uma velada crítica ao cientista da neutralidade.

Parece que a filosofia, sem renunciar aos seus papéis históricos, criou uma nova função, a de estudar a ciência como um fenômeno perfeitamente identificável, como qualquer outro objeto de investigação. As questões formuladas a esse respeito podem ser resumidas em duas: Que fenômeno é a ciência? e Que tipo de objetos são os objetos científicos?

No mesmo sentido pode-se alinhar as preocupações de Morin ao indignar-se contra “a educação que visa a transmitir conhecimento seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer”.²³¹ Por sua vez, Humberto Maturana insiste para que se estude o papel do investigador na produção do conhecimento. Ele defende a idéia de que observador, o observar e a observação fundem-se num só fenômeno como ato de conhecer, e vai mais longe dizendo que são inseparáveis e não transmissíveis. Neste sentido escreveu: “Nosotros los científicos hacemos ciencia como observadores que explican lo que observan. Como observadores, somos seres humanos. Nosotros los seres humanos ya nos encontramos en la posición de observadores que observan cuando comenzamos a observar nuestra observación para intentar descubrir y explicar lo que hacemos”.²³²

Com estas citações, penso ter deixado claro que há uma nítida preocupação em investigar duas coisas. A primeira, em que consiste o ato de conhecer, não apenas como uma ação cognitiva do intelecto, mas como processo de produção do saber. A segunda, trata do investigador, enquanto ser vivo, portanto biológico e social. O conhecimento é, segundo Maturana, um fenômeno biológico particular e inerente à estrutura biológica e sócio-cultural de cada observador.

Resta saber agora como fica a epistemologia, sob o ponto de vista da filosofia, em relação à educação física e o esporte.

Se considerarmos o período mítico, não se pode falar nem em educação física nem em esporte, conceitos que não existiam, pois tais atividades dependem de uma classificação conceitual. Estudos etnológicos descobriram que entre os povos primitivos não havia distinção valorativa de atividades. Todas as atividades possuíam o mesmo valor, cujo referencial único era a vida humana individual e coletiva, quer se trate da caça, da pesca, da guerra, da coleta, das corridas, das lutas ou das danças. Tudo era exigido para manter a vida ativa coletivamente, mas sem a noção de trabalho ou de esporte, e sem a noção de atividade física ou mental, sem separação entre sagrado e profano. Infelizmente fomos iludidos pelos antropólogos ocidentais que criaram uma nomenclatura classificatória segundo o nosso modelo de valorizar e diferenciar as atividades humanas.

A filosofia criou conhecimentos e conceitos mas, como já vimos, sem referência à prática, isto é, à aplicação na cadeia produtiva. No caso do ser humano, foi definido pela filosofia dualisticamente como um composto de psique e soma, porém apenas estabeleceu tratamento diferenciado para o desenvolvimento de ambas as partes com o objetivo de obter uma educação ideal do homem inteiro, dos pés à cabeça, como encontramos na Paidéia de Jaeger Werner.²³³ Em nenhum momento ofereceu suporte teórico para as atividades físicas, pois não se estabeleceu uma relação, digamos, científica

²³⁰ Id. Ibid. Conferir também sua obra em conjunto com Steve Woolgar, *A Vida de Laboratório: A produção dos fatos científicos*. Trad. Ângela R. Vianna. Rio de Janeiro: Relume dumará, 1997.

²³¹ Morin, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. P.13/4.

²³² Maturana, H. *La realidade: objetiva o construída?* P. 64.

²³³ Jaeger, Werner. *Paidéia*. São Paulo: Editora Herder, 1936.

entre o conhecimento e as atividades específicas para o corpo ou para a mente. Tratava-se apenas de atividades cognitivas e atividades físicas mais em função de um projeto social do que científico ou antropológico. Nesta fase a filosofia ofereceu apenas indicações que deveriam ser respeitadas, mas nunca como fundamento da intervenção prática.

Um referencial teórico para a educação física e o esporte surge somente na era científica e tecnológica, pois foi a partir das ciências empíricas que se estabeleceu um vínculo entre o saber e a técnica. É na era industrial que a educação física e esporte encontram os recursos epistemológicos para seu desenvolvimento.

A filosofia, a partir deste momento, passou a desenvolver uma reflexão crítica em relação à educação física e ao esporte. De alguma maneira repete seu papel denunciante já desenvolvido frente à ciência. Há, entretanto, um caráter particular nesta denúncia. De um lado questiona o dualismo sobre o qual a educação física se construiu, mas que ela mesma havia criado, e, por outro lado, denuncia a subserviência, tanto da educação física quanto do esporte, a interesses de ordem política, econômica e ideológica.

No interior deste denunciamento, pode-se perceber uma participação significativa da reflexão filosófica no debate sobre a identidade da educação física e nas dimensões sociais, culturais e pedagógicas das atividades esportivas. Neste sentido é importante lembrar que, seja em relação às denúncias seja em relação à busca da própria identidade, os debates na educação física e no esporte buscaram inspiração na filosofia. Somente a filosofia tem condições para refletir sobre uma educação física enquanto pedagogia ou ciência do movimento, ou enquanto técnica de treinamento ou sabedoria de viver. E o esporte deve ter como valor maior o rendimento ou a ludicidade? Novamente será necessário apelar para a reflexão filosófica. Sempre que esses temas ou questões entram em cena, em qualquer ciência, se o que se faz não for filosofia, certamente, não será a ciência que estará em jogo.

Hoje, talvez, a filosofia possa contribuir para que a educação física descubra se é mais adequado permanecer vinculada às ciências física e química ou se seria melhor voltar-se para as ciências biológicas, em particular, as neurociências como o referencial científico de suas atividades. A mesma questão pode ser transferida para as práticas esportivas. A reflexão filosófica pode participar, como de fato participa, na polêmica discussão sobre a quase fusão da educação física com o esporte e a redução do movimento humano às técnicas dos gestos esportivos.

A solução destas questões resultará em profundas revisões nas problemáticas antropológicas e éticas, que veremos a seguir.

2. Problemáticas antropológicas

As problemáticas antropológicas abrem um imenso horizonte, quase ilimitado, de temas e de abordagens sobre o ser humano, mesmo se ficarmos circunscritos ao domínio da filosofia, encontramos dificuldades para decidir quais pontos são os mais significativos. Nada de novo se acrescenta ao se afirmar que foi filosofia a primeira a preocupar-se com o conhecimento do ser humano e elaborar uma definição que dissesse quem ele é. A razão desta primazia deve-se ao fato de que foi ela a inventora da metodologia da criação do saber conceitual. E, como já foi dito, a criação de conceitos tornou-se sua especialidade. O primeiro conceito de homem foi *Czoon echon logon*, cuja tradução original seria, um ser vivo possuidor de palavra, entretanto a tradução que predominou foi a versão latina, que chegou até nós como o homem é um animal racional.

Ao lado do pensamento racional dirigido também ao ser humano, os gregos nos legaram o famoso

lema *Conhece-te a ti mesmo*, atribuído a Sócrates. Sem dúvida ele foi transformado no bordão que ritmou todas as investigações sobre o ser humano, mesmo quando interpretado diversamente. O ponto de convergência entre todos que o adotam está na idéia de que se constituiu num convite permanente para o homem conhecer-se a si mesmo. O ponto de divergência está na fixação do tipo de conhecimento ou, melhor, de auto-conhecimento. Ou seja, o que significa auto-conhecer-se? Para Sócrates, segundo dizem seus interpretes, era um ato de introspecção através do qual a pessoa se tornava consciente de sua ignorância, pois o ponto alto da sabedoria é o desejo da ciência mediante a virtude como ideal de perfeição. Sabedor da própria ignorância, o indivíduo buscava o saber que era, ao mesmo tempo, virtude e perfeição.

O ponto mais discutível desta exigência de conhecimento do homem, que já não é mais o ideal do *conhece-te a ti mesmo*, mas uma necessidade da episteme grega frente às conseqüências da recusa da tradição mitológica e da implantação de uma nova ordem, consiste em saber qual o ponto de partida deste conhecimento antropológico. É evidente que o pensamento racional, retirando o homem de sua inocência primordial, permitiu que se percebesse como distinto e separado do mundo que o rodeava, e, muito mais, perceber-se um estranho de si mesmo. Precisava reaproximar o homem do mundo e reencontrar-se consigo mesmo. É, precisamente, neste momento que os questionamentos se instalam. Três aspectos precisam ser esclarecidos: primeiro, como se deu o ato de conhecer o homem? Segundo, o saber procurado buscou explicar a condição humana como solução de seus problemas? Terceiro, o conhecimento do ser humano foi uma posição do projeto político-social a ser implantando em substituição às velhas ordens sociais?

As respostas podem começar pela última questão. Tudo indica que o conhecimento do homem proposto era muito mais uma exigência para justificar uma nova ordem social. Não nasceu, propriamente de uma observação do homem, mas da necessidade de preencher funções na sociedade. A natureza foi invocada para justificar a diversidade dos indivíduos. Diversos diálogos de Platão, como *A República*, *Timeu* e *Fédon* parecem comprovar esta interpretação. Uma vez aceita essa premissa estariam respondidas, ainda que sumariamente e por anulação, as outras duas questões. De fato o ato de conhecer é uma elaboração imaginária que teve, não o ser humano, mas um projeto político-social como fonte inspiradora.

Neste primeiro esforço de conhecimento do homem o aspecto de maior conseqüência para nós ocidentais é a visão dualista. Novamente, tudo indica que não se trata de um estudo do ser humano, mas da necessidade de classificar os homens em relação ao seu lugar social. O que mais impressiona nesta compreensão de homem dual, é sua sobrevivência no desenvolvimento das culturas ocidentais. Às vezes, tal fato parece incompreensível. A sua manutenção pelo Cristianismo parece óbvia, pois se encaixava como uma luva nas doutrinas cristãs da alma espiritual de origem divina, da imortalidade e da existência do paraíso.

A filosofia cartesiana, entretanto, parece completamente impensável que, não só mantivesse o dualismo, mas o exacerbasse. Não é necessário voltar ao assunto pois todos já estão cansados ouvir infintos comentários a esse respeito. Vou apenas lembrar duas coisas. Esse dualismo marcou, mais ou menos, todas as ciências modernas. A psicologia, especialmente a freudiana, tratou o psiquismo como um fenômeno distinto do somático. A medicina continua falando de doenças físicas e psíquicas. As pedagogias em geral acreditam, com maior ou menor convicção, que o ato intelectual somente depende do corpo secundariamente. As próprias ciências foram divididas em duas categorias, as humanas e as naturais. O incrível é constatar que o homem, enquanto razão pertence às ciências humanas, enquanto corpo é objeto das ciências naturais, um fato aceito com a maior naturalidade e inocência.

Diante de tudo isto, o que parece mais incompreensível, é a resistência em superar esta

dualidade. Sob o ponto de vista epistemológico parece que a questão está clara, mas as resistências, tudo indica, pertencem a outras ordens ou interesses, especialmente os do poder.²³⁴ A força maior, para derrubar definitivamente a visão dualista do homem, sob o ponto de vista epistemológico, certamente, vem das neurociências, em especial, a neurobiologia. Seria suficiente a leitura de obras como as de António Damásio ou de John Horgan, entre outros, para mudar de idéia.²³⁵ O fim do dualismo, então, seria uma questão de tempo à medida que as novas idéias são assimiladas.

Para encurtar o meu caminho reflexivo, quero agora pontuar, um pouco, a atitude dos filósofos no momento em que se separam dos cientistas, não numa visão geral, mas no que diz respeito aos estudos antropológicos. Tudo indica que, no início da modernidade, houve um acordo, nem que fosse tácito, entre filósofos e cientistas no que diz respeito ao ser humano. Imagino que tenha sido assim: de um lado, os filósofos, que por tradição já tratavam das faculdades intelectuais ou das capacidades cognitivas do homem, a parte mais nobre, desde os gregos, acharam que podiam deixar o corpo nas mãos dos cientistas. Afinal o corpo não era exatamente a humanidade do homem, era de natureza material. Os cientistas, de outro lado, não se fizeram de rogados, assumiram a tarefa de transformar o corpo em objeto de pesquisa como qualquer outro. A medicina, ainda amarrada às tradições greco-romanas, estava ávida de se apropriar do corpo, especialmente que, na época, não se falava de doenças psíquicas, esses distúrbios eram atribuídos à obra dos demônios, portanto, uma questão religiosa, nada científica nem filosófica. O problema todo estava em descobrir a maneira de romper as barreiras, impostas pelos dogmas religiosos, na manipulação de cadáveres, que deviam permanecer intocáveis por serem ex-tempos da alma.

Com persistência essas barreiras foram superadas. Hoje, o corpo humano conseguiu, libertar-se das comparações com bois, suínos e macacos, e, em termos de representação científica, sair da metáfora da máquina através do mapeamento do genoma humano. Os avanços das neurociências alcançaram o eu e a consciência sem ter que sair do corpo. Duas entidades transcendentais e puras, isto é, inquestionáveis, das filosofias racionalistas ou metafísicas.

Deixando de lado um pouco as ciências volto-me, agora, para a filosofia. Desde Descartes, os filósofos insistiram em querer transformar a filosofia numa ciência rigorosa, sempre centrada sobre as estruturas imaginárias das faculdades cognitivas. O homem continuava razão, intelecto e consciência. O grande obstáculo era a aleatoriedade do sujeito e dos fatos históricos e culturais. Coube, no meu entender, às correntes existencialistas, na esfera da filosofia, o mérito da aproximação com o homem concreto, sintetizada na expressão ser-no-mundo e o *Dasein* heideggeriano. Esse passo tímido em direção ao homem existencial, foi acelerado por Maurice Merleau-Ponty ao apresentar uma nova compreensão de corpo e, em particular, ao cunhar a expressão: eu sou corpo, em oposição a eu tenho corpo.²³⁶ A partir deste momento parece que o homem foi repatriado, voltou ao mundo do qual é parte, depois de mais de dois milênios vagando por conceitos metafísicos. O homem é um ser corporal, a condição humana é ser corpo. Além de inaugurar uma antropologia corporal, Merleau-Ponty deixou, em sua obra póstuma, *O Visível e o Invisível*, o esboço daquilo que se poderia designar de uma antropologia da carne.²³⁷ Tudo indica que a filosofia caminha para assumir uma compreensão de corpo, não como uma parte do homem dual, mas como a totalidade e a unidade do ser humano, sem excluir-lhe nenhuma dimensão. Pode-se dizer que o homem permanece inteiro e uno, o que muda é sua compreensão através da idéia corpo-carne, liberta de outro dualismo entre espírito e

²³⁴ Sobre o assunto seria interessante consultar a obra, já citada de Bruno Latour, *A Esperança de Pandora*.

²³⁵ Refiro-me a duas obras de Damásio: *O Erro de Descartes* e *O mistério da Consciência*; e uma de J. Horgan: *A mente desconhecida: porque a ciência não consegue replicar, medicar e explicar o cérebro*.

²³⁶ Merleau-Ponty, M. *La Phénoménologie de la Perception*. e *La structure du comportement*..

²³⁷ Merleau-Ponty, M, *Le visible et l'invisible*.

matéria. Trago aqui um comentário de Edgar Morin que julguei ser um perfeito complemento do que foi dito acima: “O que está hoje a morrer não é a noção de homem, mas sim a noção insular do homem, separado da natureza e da sua própria natureza; o que deve morrer é a auto-idolatria do homem, a maravilhar-se com a imagem pretenciosa da sua própria racionalidade”.²³⁸ A imagem corporal lentamente vai sendo legitimada como a identidade do ser humano.

Uma outra contribuição filosófica que as correntes existencialistas trouxeram, mas que na prática não passou de um discurso romântico, foi o conceito da originalidade de cada indivíduo. Teve uma certa aceitação na área pedagógica através de um ensino marcado por uma didática mais personalizada de acordo com as características de cada aluno. Não alcançou muito sucesso, pois exigiria uma mudança radical na estrutura física e didática do ensino, em pouco tempo tudo acabou no esquecimento. A homogeneização conceitual habitual foi mantida juntamente com as didáticas uniformizadas. Esta questão da originalidade voltou à tona através da biologia. Neste sentido recorro a um fato narrado por Jean Bernard. Conta ele que fora convidado para apresentar perante uma assembléia de cardeais e chefes de ordens religiosas, os progressos da biologia, isso em 1975. Nos debates após sua conferência, escreveu ele, “um eminente cardeal intervém: ‘Diz-nos, caro doutor, que a biologia demonstra que cada homem é um ser único, insubstituível. Mas nós, teólogos, sabíamos-lo há muito tempo’”.²³⁹ Evidentemente os pressupostos desta convergência não são os mesmos.

Portanto a idéia de um ser humano individualmente original e insubstituível parece estar presente tanto na filosofia quanto nas ciências biológicas e, inclusive, já defendida anteriormente pela teologia, mas na prática prefere-se manter o projeto da homogeneização e da simplificação, certamente, por outros interesses, talvez, o do poder. A era industrial consagrou a eficiência produtiva da padronização. Tudo está padronizado, menos o homem que precisa com muito esforço submeter-se aos padrões de vida, de agir e de pensar. Michel Foucault, no meu entender, é o grande mestre que descreveu com detalhes homens e corpos disciplinados e dóceis para serem melhor utilizados.²⁴⁰

Não poderia, ainda que rapidamente, deixar de lembrar uma contribuição, que eu chamaria de filo-científica, de Humberto Maturana e Francisco Varela. Refiro-me à explicação dada, por eles, ao ser vivo. Duas idéias devem ser acentuadas. Uma, expressa pelo conceito de sistemas auto-referidos. Um sistema se caracteriza como sistema auto-referido porque seu operar somente faz sentido em relação a si mesmo, e o diferencia dos sistemas que os humanos elaboram, denominados por Maturana, de sistemas alo-referidos.²⁴¹ A outra, está na noção de autopoiese, uma idéia retirada do conceito de poiesis de significado fundamental para a filosofia grega.²⁴²

Neste sentido, Morin um defensor da epistemologia complexa, o contraponto das epistemologias simplificadoras, pergunta, “como compreender a lógica de um sistema que se auto-organiza reproduzindo os próprios elementos que o constituem e que se auto-reproduz na sua globalidade?”.²⁴³ Diante desta pergunta pode-se suspeitar que a lógica do vivo é, certamente, muito mais complexa do que aquela que as ciências nos ensinaram aplicar às coisas. A organização do ser vivo é infinitamente superior à das máquinas artificiais, mesmo as mais sofisticadas e dotadas de inteligência artificial, mas totalmente dependentes de intervenção exterior.

Para finalizar as problemáticas antropológicas preciso apresentar algumas conclusões e

²³⁸ Morin, E. O Paradigma Perdido: a natureza humana. P. 193.

²³⁹ Bernard, Jean. Da Biologia à Bioética. P. 158

²⁴⁰ Foucault, Michel. Vigiar e Punir.

²⁴¹ Maturana, H. e Varela, F. De Máquinas e Seres Vivos p. 14.

²⁴² Maturana, H. Varela F. De Máquinas e Seres vivos. p. 17 e 43.

²⁴³ Morin, E. O Paradigma Perdido: a natureza humana. P. 24.

possíveis contribuições da reflexão filosófica em relação à educação física e ao esporte.

Um simples olhar sobre a história da educação física e o do esporte, mesmo antes destes conceitos não existirem, percebe-se que ambos desenvolviam atividades a partir de conhecimentos e conceitos trazidos de outras áreas do saber. O mesmo pode-se dizer de seus objetivos. As principais bases epistemológicas vieram, tanto da filosofia quanto das ciências, embutidas na visão dualista de ser humano. Evidentemente, a parte que cabia à educação física e ao esporte foi o corpo. Assim, pode-se afirmar que desempenhavam, especialmente a educação física, uma tarefa de prestação de serviços, cujo objetivo máximo pode ser sintetizado no já famoso lema: *mens sana in corpore sano*. A educação física enquanto ação pedagógica, em princípio, deveria disciplinar o corpo para o bom desempenho das capacidades mentais. Ao esporte, assim que foi introduzido na escola, deveria iniciar o processo de socialização.

Num segundo momento a educação física, ao alcançar a condição de curso superior, encontrou seus fundamentos científicos nas ciências positivas, com maior destaque para a física a mecânica e a química. A metáfora do homem-máquina transformou-se no modelo absoluto de organização para definir toda atividade física dentro dos limites de atuação de forças físico-químicas. Novamente a educação física ficou na dependência de outras ciências e de objetivos instrumentais. Ao incorporar o esporte como seu conteúdo maior as atividades físicas passaram a ser orientadas em função do gesto esportivo. Há algum tempo a educação física desenvolve o sonho de tornar-se uma ciência autônoma, a dificuldade maior, no meu entendimento, consiste em definir uma compreensão de ser humano, e de estabelecer que fenômeno é o movimento humano e como ele se desenvolve.

Os notórios avanços da biologia molecular e das neurociências podem apontar um outro caminho para a educação física. Certamente os referenciais antropológicos e epistemológicos provenientes das ciências positivas podem tornar-se, no mínimo, insuficientes, senão, inadequados parcialmente para redesenhar a compreensão do movimento humano. As idéias de sistema auto-referido e de autopoiese, já expostas, deveriam estar presentes na elaboração deste novo desenho. Se há uma auto-construção pode haver uma auto-aprendizagem. Neste sentido acredito que a pedagogia de Martin Wagenschein, um físico alemão, pode trazer uma expressiva contribuição. Ele reconhece a fenomenologia biológica do conhecimento e, em nome desta tese, elaborou a teoria pedagógica do ensino genético. O ensino genético nada mais é do que reconhecer que o conhecimento é construído individualmente a partir da biologia. Há alguma tempo, Wagenschein aplicou sua pedagogia ao ensino da física, e, pelo que foi demonstrado, com amplo sucesso. O prof. Landau transferiu o ensino genético de Wagenschein para a aprendizagem do movimento humano. Pelo que ele demonstrou em suas experiências, desenvolvidas na Alemanha e apresentadas na CEFD da UFSM, obteve resultados altamente positivos. Dois pontos ficam claros. Um, que tanto o conhecimento cognitivo quanto a aprendizagem de movimentos não são aprendidos, mas sim vivenciados e construídos individualmente. Outro, que o objetivo primeiro é o próprio movimento humano e não o gesto esportivo.²⁴⁴

Por fim pode-se observar que tanto a educação física quanto o esporte podem esculpir corpos humanos através de exercícios físicos. A primeira pode moldar corpos belos através de cirurgias plásticas sem bisturi, o segundo consegue construir corpos fortes, resistentes, ágeis e velozes. Em ambos os casos pode-se colocar uma questão fundamental: o corpo humano deve ser um instrumento de uso ou deveria ser a realidade humana vivida? Provavelmente a resposta compete a cada pessoa, não à educação física e ao esporte, embora não fiquem inocentes e neutros na decisão tomada.

²⁴⁴ Anotações das conferências do prof. Landau proferidas no CEFD da UFSMA, em julho e novembro de 2002.

Com isto, acredito, é urgente que se pense numa área, atualmente, um tanto abandonada, a da ética que, inevitavelmente, nos levará à bioética.

3. Problemáticas éticas

Se as problemáticas epistemológicas e antropológicas, como foi dito, abrem para horizontes ilimitados, as problemáticas éticas, além destes horizontes ilimitados, abrem para um mundo altamente complexo e confuso.

A ética é definida pelos dicionários tanto como ciência da moral, quanto como a arte de dirigir a conduta humana.²⁴⁵ O fato é que a ética refere-se à conduta humana individual e coletiva. A questão mais complexa é saber sobre que referencial maior pode-se estabelecer a eticidade do agir humano universalmente aplicável.

No tempo das mitologias não havia, costuma-se acreditar, dificuldades em saber o que era bem ou mal, justo ou injusto. Tudo estava fixado pela tradição, cujas origens se perdiam no tempo, mas ninguém contestava. Os problemas éticos, aliás como os demais problemas, começam exatamente no momento em que o homem recusa a herança mítica. O homem, expulso do paraíso mítico doado pelas divindades, precisa construir um outro paraíso, agora, fruto de sua engenhosidade. A sua vida, antes ordenada pelos deuses, agora deve ser reordenada pela decisão do próprio homem.

A ética, ciência ou arte, nasce com a Polis, exatamente quando se confrontam as tradições míticas com o novo projeto social. Bárbara Freitag com muita clareza traça as linhas gerais deste conflito ao interpretar uma tragédia grega, a Antígona de Sófocles. Nela há um confronto ético muito ilustrativo entre Creonte, o usurpador do trono de Tebas, e Antígona, irmã de Polinice, cujo cadáver não podia ser sepultado por ordem de Creonte. Havia, entretanto, duas leis (ou éticas). A lei do *oikós*, ou dos deuses, que ordenava o sepultamento dos mortos, e a lei da *Polis*, ou dos homens, estabelecida pelo tirano Creonte. Resumidamente, pode-se dizer com Freitag que “Antígona representa a lei divina (do *oikós*, ou seja da família grega)”, em nome desta enterra o irmão e contraria o tirano. “Creonte representa a lei dos homens (da polis, isto é, do Estado grego)”.²⁴⁶ Em cujo nome condena Antígona. Deste momento em diante os debates éticos nunca cessaram de perturbar a humanidade.

O ponto central do problema é estabelecer em nome de que ou de quem se pode estabelecer uma ética. Inicialmente, pelo que se costuma acreditar, as divergências não eram significativas.²⁴⁷ Os gregos estabeleceram a natureza (*physis*) como o referencial único e universal para determinar a moralidade das organizações e dos atos humanos. A natureza de cada ser devia definir a sua conduta ou seja seu agir. A lei maior deveria ser, na fórmula latina, *operari sequitur esse*, isto é, o agir de um sujeito deve ser o reflexo do seu ser. Este grande lema norteou a Ética a Nicômaco, obra de Aristóteles, e se tornou ainda mais forte na medievalidade.

Na era cristã medieval, o referencial passa a ser Deus. Sem Deus não há moral. Novamente, pelo menos para a grande maioria das pessoas, não havia dúvida que somente Deus, e o Deus cristão, poderia ser fundamento da ética. Pensar numa ética laica tornou-se um caminho difícil, mas no final

²⁴⁵ Não quero entrar na discussão sobre a diferença entre ética e moral. Etimologicamente podem significar a mesma coisa. Tanto *ethos* (grego) como *mos* (latino) significam costume, conduta, hábito, dos quais se originam respectivamente os termos ética e moral.

²⁴⁶ Freitag, B. Itinerários de Antígona – A questão da moralidade p.17-29.

²⁴⁷ A respeito desta questão de suposto consenso é bom lembrar os recentes estudos sobre a ética de Epicuro que se colocam frontalmente contra a tese dos aristóteles de Platão.

das contas foi por aí que as filosofias racionalistas se dirigiram. Kant com o seu imperativo categórico foi, no meu entender, o primeiro que se aventurou construir uma ética, não sem Deus, mas não tendo Deus como fundamento.²⁴⁸

Na esteira de Kant surgiu um conjunto de teorias éticas, todas elas, segundo classifica Freitag de cunho cognitivista. A proposta de uma ética racional mais divulgada entre nós, foi criada por Jürgen Habermas, conhecida como a ética do discurso que coloca a linguagem como fundamental para se chegar a um consenso, base da consciência moral e do agir comunicativo²⁴⁹. Em todas as teorias éticas racionalistas ou cognitivistas a polaridade entre indivíduo e sociedade assumiu uma posição central.

A leitura da obra citada de Freitag leva quase irresistivelmente a duas conclusões. Primeira, a impossibilidade de se estabelecer uma ética universal em nome da Razão. Segunda, a humanidade continua sem condições de criar uma ética.

À revelia destas discussões acadêmicas dos filósofos sobre ética, surge, nos Estados Unidos, uma iniciativa que ficou conhecida como bioética, cujo objetivo era vigiar os limites dos procedimentos médicos dos médicos frente aos pacientes.²⁵⁰ Posteriormente a bioética estendeu-se para um largo espectro de temas sobre a vida, cujo significado ficou bastante complexo.

Diante da multiplicidade de interpretações da bioética pode-se identificar dois conjuntos de definições.²⁵¹ Um número, o mais alto, de definições refere-se sempre a questões biomédicas ainda que sob ângulos diferentes. Outro conjunto menor de definições concentra-se sobre o tema da vida em geral e as condições necessárias para sua preservação e desenvolvimento. Ficarei apenas com o segundo conjunto de definições, entre elas citarei duas que me pareceram mais sugestivas, ambas citadas no livro de Durand. Uma a define como ciência: “Bioética é a ciência normativa do comportamento humano aceitável no domínio da vida e da morte”.²⁵² A outra prefere apresentá-la como pesquisa: “A bioética designa as pesquisas do conjunto de exigências do respeito e da promoção da vida humana e da pessoa”.²⁵³ Sob qualquer perspectiva que se tome, parece que a bioética, cada vez mais, está se tornado a ética da vida, e não só de condutas.

Outra conseqüência da ampliação do significado de bioética se manifesta na variedade de temas que ela engloba. O primeiro e, sem dúvida, o mais fundamental é o valor do ser humano, na figura de pessoa. Para Andorno a pessoa, compreendida a partir da idéia de dignidade, está no coração da bioética. Para ele “ser pessoa quer dizer ser digno”.²⁵⁴ Provavelmente ninguém discorde da dignidade da pessoa humana, a questão está em definir o que significa pessoa e quando se pode falar em pessoa, isto é, quais são os critérios e os elementos exigidos para estabelecer que um ser humano é pessoa. Por exemplo, quando começa a pessoa e quando ela termina. A distância entre as diferentes posições é muito grande. Jean Bernard afirma que “O ovo humano acabado de formar, resultante da fecundação do óvulo pelo espermatozóide, contém em potência o ser completo que será no futuro”.²⁵⁵ Portanto, a pessoa em potencial já deve ser considerada pessoa. Outros bioeticistas, em

²⁴⁸ Para uma compreensão melhor do esforço de Kant muito ajudaria a leitura de sua obra *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*, apud coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Ed. Abril, 1980.

²⁴⁹ HABERMAS, J. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. 1989.

²⁵⁰ O termo bioética foi empregado pela primeira vez em 1971 pelo professor Van Rensselaer Potter em seu livro *Bioethics: bridge to the future*.

²⁵¹ Durand, G. *La Bioéthique* p. 27-33.

²⁵² *Idem*. P. 30.

²⁵³ *Idem* p. 32.

²⁵⁴ Andorno, R. *La Bioéthique et la dignité de la personne*. P. 33.

²⁵⁵ Bernard, J. *Op. Cit.* p. 161.

contrapartida, exigiriam outros critérios como um determinado grau de consciência e de liberdade e de condições das funções vitais. Um embrião, por exemplo, em hipótese alguma, seria pessoa.

Qualidade de vida é outro tema fundamental para os bioeticistas. Em princípio deveria ser o ideal máximo da bioética, entretanto, até agora, um consenso do que seria qualidade de vida está longe de acontecer. Provavelmente, ter qualidade de vida ou não está afeto a cada pessoa e em cada época. Por exemplo, para o iluminismo qualidade de vida poderia ser definida como *o estado de posse da plena luz da razão*; já para a sociedade atual de consumo, poderá ser o máximo *usufruto do conforto oferecido pela tecnologia*. Apesar de todas as divergências e contradições parece evidente que a qualidade de vida diz respeito ao ser vivo, humano ou não, de acordo com suas características biológicas e de condições do meio ambiente.

Os temas mais candentes que sacodem as discussões bioéticas concentram-se sobre as possibilidades de manipulação genética. Os poderes da biotecnologia alcançaram um índice tão elevado que possibilitam ao homem mudar radicalmente um ser vivo e, até, criar novos seres vivos. Os bioeticistas discutem os limites da utilização de tais recursos tecnocientíficos, especialmente, em relação ao ser humano. Tal debate, praticamente dividiu os bioeticistas em dois grupos. Um grupo considerável de bioeticistas defende a preservação da essência da espécie humana, por isso contesta o direito de alterar radicalmente a natureza humana, em nome da inviolabilidade da pessoa humana.²⁵⁶ Outro grupo menos numeroso, mas, não por isso, mais fraco advoga uma liberdade maior de utilização dos instrumentos de intervenção na vida em geral, incluindo a vida humana. Para Engelhart, os limites devem ser confiados à responsabilidade humana, pois, segundo ele, seria possível, sem desvios éticos, de intervir, não só nas células somáticas, mas também na própria linha germinal humana com tal intensidade que “seremos capazes de dar forma e modelar a natureza humana à imagem e semelhança dos objetivos estabelecidos pelas pessoas humanas, e não pela natureza de Deus. [...] as mudanças da natureza humana podem ser tão radicais que nossos descendentes poderão ser classificados como uma nova espécie de seres vivos”.²⁵⁷ Seguindo a mesma linha Peter Sloterdijk referindo-se a este movimento de aperfeiçoamento do ser humano afirmou que “já não é surpreendente que esse rastro se mostre em especial como um discurso sobre a guarda e a criação dos homens”.²⁵⁸ Tal possibilidade poderia gerar a idéia de um parque humano. Tema que o levou a proferir, em 1999 na Alemanha, uma polêmica conferência com o título, regras para o parque humano.

Com a bioética, tenho plena convicção de que entramos no ponto mais importante para definir os compromissos da educação física e do esporte em relação à vida humana. Sob múltiplos aspectos é possível mostrar a estreita vinculação da educação física e do esporte com os debates éticos e bioéticos.

O primeiro aspecto que exige uma reflexão urgente refere-se à questão do corpo. É importante lembrar que a questão se tornou mais séria desde o momento em que a pessoa humana é identificada como corpo. A pessoa, escreveu Andorno, não tem a propriedade de seu corpo, pois não pode haver um elo jurídico entre ambos por serem duas realidades idênticas, por isso “a pessoa não possui um corpo, ela é seu corpo”.²⁵⁹

A educação física e o esporte desenvolvem suas atividades sobre o corpo, compreendido como a totalidade da pessoa, não como a parte somática, com isso muitos conceitos e atitudes precisam ser

²⁵⁶ Andorno, R. Op. Cit. Pp. 33-62. Junto com Andorno há um grande contingente de intelectuais de todas as áreas do saber.

²⁵⁷ Engelhart, T. Fundamentos da Bioética. P. 494.

²⁵⁸ Sloterdijk, P. regras para o parque humano. P. 47.

²⁵⁹ Andorno, R. Op. Cit. P. 19

revidos.

A revisão de conceitos passa necessariamente pelos referenciais epistemológicos e antropológicos, certamente o recurso aos resultados e informações alcançados pelo avanço das pesquisas realizadas na área das neurociências, não podem ser esquecidos nessa tarefa. A psicologia, a sociologia, a filosofia, o direito, as artes e mesmo a literatura merecem igualmente mais atenção e estar presentes na busca, caso se queira fazê-lo, de uma reorientação da educação física e do esporte em função do desenvolvimento da vida humana como um valor em si mesma.

A revisão de condutas depende diretamente da revisão dos conceitos e das bases epistemológicas em vigor atualmente. Quando, por exemplo, se der a passagem da compreensão de homem-máquina, trazida da física e da mecânica, para a compreensão de homem como um ser vivo cuja organização é um sistema comunicacional, as condutas mudarão radicalmente. Nesta sonhada mudança, os conceitos de sistema auto-referido, de auto-organização e de sistema autopoietico tornam-se peças-chaves na construção de novos procedimentos de ensino, de pesquisas e de exercícios.

Antes de alcançar esse patamar de mudanças, talvez, seja necessário refletir sobre observações e questionamentos sobre os modos de pensar e de agir, e sobre os valores adotados em educação física e no esporte. Não pretendo trazer uma solução, mas apenas apresentar algumas posições de certos autores.

Vou iniciar pelas críticas sobre o tratamento que é dado ao corpo em educação física e nos esportes. Jean-Marie Brohm, referindo-se à suposta civilização do corpo, vê a proclamada exaltação corporal nada mais do que um processo de “sublimação e dessublimação repressiva do Corpo”.²⁶⁰ Gusdorf acrescenta, “A desnaturação do corpo, no caso da cultura física, é ainda agravada pela mitologia do esporte e o culto do herói Olímpico”²⁶¹. Michel Bernard completa dizendo que a sociedade industrial “na medida que pretende liberar o corpo pelo movimento, freqüentemente o esporte o aliena ou no mínimo o manipula ideologicamente”.²⁶²

O ideal competitivo concentra outro foco de divergências, talvez, incontornáveis. Sabemos que o princípio agônico, trazido dos gregos e que estaria presente no ideal das olimpíadas modernas, ou foi desvirtuado ou não é o que se pensa que é. A este respeito vou citar algumas afirmações de Humberto Maturana. Ele comenta que no esporte como no mercado se fala para participar num tipo de interações que se caracterizam pela negação do outro, sob o eufemismo: *mercado da livre e sadia competição*. As citações a seguir são contundentes e merecem ser debatidas: “A competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro. [...] A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo biológico [...] O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro”.²⁶³

Para Maturana a “preocupação ética, como preocupação com as conseqüências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com a aceitação do outro e pertence ao domínio do amor”.²⁶⁴ Dois aspectos devem ser acentuados a partir desta maneira de pensar de Maturana: sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro; e o amor é o que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência. Por fim quero destacar a seguinte observação que lêz diante desta sua afirmação,

²⁶⁰ Broohm, J-M. La civilización del cuerpo: Sublimación y desublimación represiva. Pp.59-85

²⁶¹ Gusdorf, G. A Agonia de Nossa Civilização. P. 135.

²⁶² Bernard, Michel. *Le Corps*. P. 137..

²⁶³ Maturana, H. Emoções e linguagem na Educação e na Política. P. 13.

²⁶⁴ Idem p. 72-3.

“Não estou falando como cristão, estou falando com base na biologia”.²⁶⁵

O fenômeno do rendimento é outro ponto de questionamento ético. O discurso mais ouvido e aplaudido, entre nós, é aquele faz a apologia do rendimento sem limites. Novamente vou trazer apenas algumas citações favoráveis ao rendimento, o que não significa concordância. Mais, vou limitar-me às que aproximam o rendimento à ética. O pensador português, Jorge Bento, sem dúvida, é dos que tem uma compreensão apologética do rendimento, pelo menos é o que se pode concluir de suas afirmações: “*O rendimento desportivo é um ideal; a sua procura não é uma opção, é uma obrigação!* A ausência de procura de rendimento retiraria credibilidade humana, cultural e moral ao desporto. E porquê? Porque somente o esforço na realização de um objectivo é que é fonte de moral!”.²⁶⁶ Para ele, a máxima do olimpismo, *citius, altius, fortius* parece que se transformou em critério de eticidade proclamando-a “uma divisa que simboliza uma exigência ética da existência”.²⁶⁷ Há também essa surpreendente afirmação de Meinberg: “O desporto de alto rendimento das crianças como exemplo de uma ética coexistencial do desporto”.²⁶⁸

O passo mais glorioso do rendimento seria dado rumo à transcendência, como superação dos limites humanos. Natália Correia, citada por Noronha Feio em seu artigo, A dimensão ética e cultural do desporto, assim se expressa: “*E, violentando os limites do corpo, o atleta realiza o portento que o metamorfoseia num híbrido de humano e divino*”.²⁶⁹ E Jorge Bento parece confirmar esse processo de divinização ao escrever que “No cerne do desporto está a ideia do homem livre que se ultrapassa a si mesmo num esforço supremo, espiritualizando as suas forças físicas”.²⁷⁰ P 195

Como já foi observado acima, essas citações, entre tantas outras, aqui estão para provocar uma reflexão para todos os que desejam aprofundar-se nos segredos do lúdico ou nos labirintos das organizações esportivas modernas.

Não poderia concluir minha reflexão sem lembrar, apenas uma lembrança, da questão das deontologias. Em geral confunde-se deontologia com ética; elas não são a mesma coisa, mas também não se excluem. Em princípio diria que uma deontologia precisa de um suporte ético para adquirir legitimidade, isto porque, em seu significado etimológico *déon-déontos* significa regras, dever, obrigação, aquilo que se deve fazer, ora, toda regra ou dever somente tem legitimidade quando estiverem fundamentados em valores éticos. Não é a regra que fundamenta a ética, apenas a regulamenta. Se a ética não for seu fundamento, a deontologia pode tornar-se um véu protetor de interesses profissionais.

Para concluir, como tentativa de provocar futuras reflexões, retomo o livro de Bárbara Freitag Itinerários de Antígona, exatamente as primeiras palavras da Introdução: “A questão da moralidade pode ser estudada valendo-se de uma pergunta aparentemente simples: ‘Como devo agir?’”.²⁷¹

Prof. Silvino Santin

Santa Maria, 20 de dezembro de 2002.

²⁶⁵ Idem p. 22-25

²⁶⁶ Bento, J. O Outro Lado do Desporto, p. 197

²⁶⁷ Idem p. 195.

²⁶⁸ Meinberg, Eckard. Para uma nova Ética do Desporto. Apud Desporto, ética, Sociedade p.74.

²⁶⁹ Feio, Noronha, Apud Desporto, ética, Sociedade. P. 53

²⁷⁰ Bento, J, Op. Cit. P. 195.

²⁷¹ Freitag. B. Op. Cit p. 11.

BIBLIOGRAFIA

- ANDORNO, Roberto *La Bioéthique et la dignité de la personne*. Paris: PUF, 1997.
- BENTO, J. O. *O Outro Lado Do Desporto*. Porto: Campo das Letras, 1995.
- BENTO, J., MARQUES, A (Editores). *Desporto, Ética, Sociedade*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto E de Educação Física, 1990.
- BERNARD, Jean. *Da biologia à ética – Bioética: Novos poderes da ciência – Novos Deveres do Homem*. São Paulo:Editorial Psy II, 1994.
- BERNARD, Michel. *Le Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- BROHM, Jean-Marie. *La civilización del cuerpo: sublimación y desublimación represiva*. Rev. Partisans Deporte, Cultura y Represión, Barcelona: #, 59-85, 1978
- BURNET, John. *L'Aurore de la Philosophie Grecque*. Paris: Payot, 1970.
- DAMÁSIO, António, *O Erro de Descartes*. São Paulo: Cia Das Letras, 1996.
- _____ *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Cia Das Letras, 1999
- DURAND, Guy. *La Bioéthique*. Québec: Cerf, 1997.
- ENGELHART, Tristram. *Fundamentos da Bioética*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- DELEUSE, Gilles. *GUATTARI, Félix. Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1992.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir* Trad. Lígia M. P. Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1977
- FREITAG, Bárbara. *Os Itinerários de Antígona: A questão da moralidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1992.
- GUSDORF, Georges. *A Agonia de Nossa Civilização*. São Paulo: Convívio, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989
- HEIDEGGER, Martin. *Le Principe de Raison* Trad. Do alemão Der Satz vom Grund. Paris: Gallimard, 1962.
- HORGAN, John. *A mente desconhecida*. Trad. Laura Teixeira. São Paulo: Cia Das Letras, 2000.
- JAEGER, W. *Paidéia*. São Paulo: Editora Herder, 1936.
- LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos* . Trad. Gilson César C. de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- KANT, Emmanuel. *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*. Apud Kant (II) Os Pensadores. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Ed. Abril, 1980.
- MATURANA, Humberto. *La realidad: objetiva o construída*. Barcelona: Anthropos, 1997.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem Na Educação e Na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999.
- Maturana, H. e VARELA, F. *De máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – a organização do Vivo*. Trad. Juan A. Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.
- _____ *La Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1945.
- _____ *La structure du comportement*. Paris: PUF, 1942.
- MORIN, Edgar. PRIGOGINE, Ilya. *A Sociedade em Busca de Valores*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____ *O Paradigma Perdido: a natureza humana*. Trad. Hermano Neves. Publicações Europa-América, 1973.
- ROSSI, Paolo, *A ciência e a Filosofia dos Modernos*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1996.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*. Trad. José O. de A. Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- VARELA, Francisco. *Conhecer, As Ciências Cognitivas, Tendências e Perspectivas*. Trad. Maria T. Guerreiro. Lisboa: Instituto Piaget,
- VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca.. São Paulo: Difel, 1986.